

Corpo, cultura e esporte: raízes históricas e filosóficas da concepção sociocultural de corpo e sua relevância para a compreensão das práticas dos torcedores organizados de futebol

Felipe Tavares Paes Lopes

1 Doutor em Psicologia (Psicologia Social) pela Universidade de São Paulo, professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba.

Correspondência para: lopesftp@gmail.com

Submetido em 18 de outubro de 2020

Primeira decisão editorial em 19 de novembro de 2020.

Segunda decisão editorial em 01 de março de 2021.

Aceito em 01 de abril de 2021

Resumo: Este artigo objetiva retratar, ainda que de forma muito breve e seletiva, alguns contornos históricos e filosóficos da perspectiva sociocultural de corpo, com a intenção de mostrar sua relevância para a compreensão das práticas relativas ao universo esportivo. Para alcançar esse objetivo, foi organizado em três partes: na primeira, apresenta a perspectiva platônica de corpo e sua influência sobre a filosofia e ciência moderna. Na segunda, discute o corpo a partir de uma perspectiva sociocultural e indica a importância de Clifford Geertz, Marcel Mauss e Pierre Bourdieu para o desenvolvimento dessa perspectiva. Num terceiro momento, busca mostrar sua importância tomando como exemplo a análise das manifestações corporais dos torcedores organizados.

Palavras-chave: Corpo. Cultura. Esporte.

Body, culture and sport: historical and philosophical roots of the socio-cultural conception of body and its relevance for understanding the practices of organized football fans

Abstract: This article aims to retrace, albeit in a very brief and selective way, some historical and philosophical contours of the sociocultural perspective of body, with the intention of showing its relevance for the understanding of the practices related to the sports universe. To achieve this goal, it was organized in three parts: in the first one, it presents the Platonic perspective of body and its influence on modern philosophy and science. In the second one, it discusses the body from a sociocultural perspective and indicates the importance of Clifford Geertz, Marcel Mauss and Pierre Bourdieu for the development of that perspective. In a third moment, it seeks to show its importance taking as an example the analysis of body manifestations of organized groups of fans.

Keywords: Body. Culture. Sport.

Cuerpo, cultura y deporte: raíces históricas y filosóficas de la concepción sociocultural del cuerpo y su relevancia para la comprensión de las prácticas de los hinchas organizados de fútbol.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo repasar, aunque de forma muy breve y selectiva, algunos contornos históricos y filosóficos de la perspectiva sociocultural de cuerpo, con la intención de mostrar su relevancia para la comprensión de las prácticas relacionadas con el universo deportivo. Para lograr este objetivo, se organizó el artículo en tres partes: en la primera, se presenta la perspectiva platónica del cuerpo y su influencia en la filosofía y en la ciencia moderna. En el segundo, se analiza el cuerpo desde una perspectiva sociocultural e indica la importancia de Clifford Geertz, Marcel Mauss y Pierre Bourdieu para el desarrollo de esa perspectiva. En un tercer momento, se busca mostrar su importancia tomando como ejemplo el análisis de las manifestaciones corporales de los hinchas de fútbol.

Palabras clave: Cuerpo. Cultura. Deporte.

Introdução

A perspectiva cultural do corpo foi, duramente muito tempo, relegada a um segundo plano na Educação Física e nos estudos sobre o Esporte de uma forma geral. No entanto, longe de ser apenas um dado puramente biológico, o corpo é modelado e, efetivamente, construído dentro e por meio de determinada cultura. Ainda que os seres humanos tenham uma constituição biológica similar – um coração que bate a uma velocidade de 60 a 80 vezes por minuto, por exemplo –, a cultura não é uma mera roupagem, que somente confere um colorido local ao corpo humano, impingindo-lhe alguma especificidade. Ao contrário, nosso corpo deve ser

concebido como o produto da “interação” entre a natureza e a cultura. Por exemplo, ainda que nasçamos com a capacidade de falar idiomas, só conseguimos, concretamente, aprender a falar um idioma específico (como o português) por meio da relação com os outros. Sendo assim, podemos afirmar que, se não levamos em conta a natureza social do corpo, corremos o risco de analisá-lo de forma muito parcial e incompleta, passando por cima do fato de ele ser, segundo Jocimar Daolio (2018), sede de signos sociais. Definitivamente, nossos gestos e movimentos corporais não são apenas manifestações biológicas, mas, também, expressões culturais. Afinal, possuem significados, que só podem ser devidamente apreendidos por meio da sua relação com a sociedade em que estão inseridos.

Essa forma de conceber o corpo não deve ser concebida de forma descontextualizada, sendo ela própria uma construção cultural de um tempo histórico muito específico. Conforme retomarei, a modernidade estabeleceu uma série de dicotomias, como a oposição biológico e cultural, e a Educação Física parece, inicialmente, ter pendido para a primeira parte, assumindo, às vezes explicitamente, os pressupostos do pensamento moderno. A perspectiva cultural de corpo, todavia, não apenas veio para balançar o pêndulo para o outro lado, mas para dissolver a referida dicotomia, afirmando que nem o biológico e nem o cultural existem com independência um do outro. Sendo assim, quando afirmo que, da perspectiva em questão, o corpo deve ser pensado na “interação” entre essas duas entidades, é preciso o uso das aspas, a fim de não fazer crer que, implicitamente, se está assumindo uma postura reificante, como se essas entidades pudessem ser pensadas em separado.

Neste trabalho, objetivo retrair, ainda que de forma muito breve e seletiva, alguns contornos históricos e filosóficos da perspectiva sociocultural de corpo, com a intenção não apenas de indicar a complexidade do debate sobre o tema, mas, também, para mostrar a relevância dessa perspectiva para a compreensão das práticas relativas ao universo esportivo. Ao debruçar-me sobre esse universo, enfoco as práticas de um ator específico: os torcedores organizados de futebol. Este enfoque justifica-se, em primeiro lugar, porque, ao mesmo tempo em que são os protagonistas das festas no espetáculo futebolístico – com suas bandeiras, cantos e coreografias –; esses torcedores (ao menos, uma parte deles¹) envolvem-se, de forma sistemática e coletiva, em ações vandálicas e violentas, que, em algumas ocasiões, resultaram em mortes. Ações que acabaram ganhando ampla repercussão nos meios de comunicação a partir da segunda metade dos anos 1980, com o assassinato de um dos fundadores de uma torcida organizada do Palmeiras, e que, desde o início dos anos 2000, têm sido objeto de

¹ Segundo Maurício Murad (2017), entre 5 e 7%.

investigações sistemáticas do campo da Educação Física (REIS, 2006; MURAD, 2013; REIS; LOPES; MARTINS, 2015; MURAD, 2017; CAMPOS; MELO; ABRAHÃO, SILVA, 2018; REIS; MARTINS; SPAIJ; LOPES, 2018; REIS; LOPES; MARTINS; SPAIJ, 2019). Investigações que, apoiadas principalmente (mas não exclusivamente) na teoria do processo civilizador (ELIAS; DUNNING, 1992), têm buscado identificar tanto os fatores (diretos e indiretos) geradores dessas ações quanto analisar os documentos, as leis e as propostas para a sua prevenção. Em segundo lugar, porque, a despeito dos esforços realizados por essas análises e de seus relevantes achados, a maior parte da discussão sobre o corpo do torcedor organizado ainda concentra-se no campo da Antropologia – o que, vale destacar, é coerente com seu interesse pelas “condutas mais banais e, em aparência, mais fúteis: os gestos, as expressões corporais, os hábitos alimentares, e higiene, a percepção dos ruídos da cidade e dos ruídos dos campos...” (LAPLANTINE, 2005, p. 153). Assim, há uma lacuna no campo da Educação Física de discussões sobre o tema do corpo do torcedor. Em terceiro lugar, porque o fenômeno da violência no futebol está, conforme retomarei, associado a um ideal de “masculinidade agressiva”, que é expresso por meio de determinadas características corporais e certas formas de movimentar o corpo. Com efeito, a compreensão das práticas corporais dos torcedores organizados torna-se de importância capital para a elaboração de um diagnóstico adequado do referido fenômeno – que, por sua vez, é fundamental para a constituição de políticas públicas eficazes.

Para alcançar o objetivo supramencionado, organizei o artigo em três partes: comecei apresentando a perspectiva platônica de corpo e sua influência sobre a filosofia e ciência moderna. Em seguida, discuti o corpo a partir de uma perspectiva sociocultural e indiquei a importância de três mestres das Ciências Sociais para o desenvolvimento dessa perspectiva: Clifford Geertz (2019), Marcel Mauss (2017) e Pierre Bourdieu (2007). Por último, busquei relacionar os valores, princípios e normas que orientam a cultura das torcidas organizadas às manifestações corporais dos integrantes dessas torcidas.

O dualismo psicofísico: de Platão à ciência moderna

A história mostra que o corpo tem sido (re)significado das mais diferentes formas pelo pensamento ocidental. Embora isso seja verdade, parece haver uma tendência predominante desse pensamento de separá-lo do que viemos a chamar de cultura. Ao menos desde Platão, observa-se que o ser humano foi decomposto em uma parte material (o corpo) e uma espiritual (a alma). Partes que, com frequência, são vistas como antagônicas, como estando em conflito,

em choque. Para o referido filósofo, a existência da alma precede a do corpo e, por meio de um conhecimento intelectual direto e imediato, ela conhece as ideias verdadeiras antes de se encarnar. Estas ideias fariam parte do mundo do Ser. Do imutável. Do eterno. Do imperecível. Enfim, do puramente inteligível. Daquele mundo que Parmênides já havia dito que deveria ser o objeto mesmo de investigação da Filosofia. No entanto, quando a alma se une ao corpo, ela tornar-se-ia sua prisioneira. Em outras palavras, na filosofia platônica, o corpo é o cárcere da alma. Assim, apegado às coisas sensíveis, nosso corpo nos faria esquecer das verdades que nossa alma havia acessado anteriormente, impedindo-nos de conhecê-las (PLATÃO, 1972; ABRÃO, 2004).

Séculos depois, o dualismo psicofísico platônico seguiu influente, impactando fortemente o pensamento religioso medieval, que adaptou a filosofia de Platão à luz da revelação cristã. Naturalmente, não é possível (e nem é meu objetivo) descrever um período tão longo da história da Europa, que engloba mais ou menos mil anos, em tão poucas linhas. Além do risco de tratá-lo de modo demasiadamente simplificado, há sempre o risco de atribuir um caráter evolutivo e contínuo a situações históricas complexas. No entanto, não posso deixar de observar que, de modo muito geral, o corpo, em tal pensamento, era concebido como algo pecaminoso e degradado, que deveria ser purificado por meio do jejum, da abstinência e da flagelação. Paradoxalmente, ele era, com muita frequência, percebido também como uma criação divina, ou seja, era sacralizado. Prova disso é que havia proibições expressas da Igreja Católica quanto à dissecação de cadáveres. Todavia, por volta do século XVI, médicos e artistas começaram a desenvolver uma série de estudos de anatomia humana, como aqueles levados a cabo por Leonardo da Vinci, que conseguia cadáveres às escondidas (ARANHA; MARTINS, 1993).

Esse processo de dessacralização do corpo foi intensificado pela revolução científica que viria a seguir. René Descartes, um dos pilares do chamado “grande racionalismo do século XVII”, foi um dos intelectuais que colaborou para tal revolução, definindo o corpo como uma matéria dotada de movimento – tal como uma máquina, que funciona sempre da mesma maneira, segundo suas próprias leis. Em outras palavras, na filosofia cartesiana, o corpo se autonomiza, tornando-se alheio ao ser humano. A despeito de dessacralizar o corpo, Descartes mantém o dualismo psicofísico platônico, dividindo o ser humano em substância pensante (pensamento) e substância material (corpo), que seriam unidas por um órgão situado na parte inferior do cérebro: a glândula pineal. O filósofo também mantém a hierarquização dessas substâncias e o princípios de causalidade, que foram colocados em xeque pela teoria do

paralelismo, desenvolvida por Baruch de Espinosa. Para este, a relação entre corpo e alma é de correspondência, ou seja, nem o corpo determinada a alma a pensar, nem a alma determina o corpo a se movimentar ou a repousar (ARANHA; MARTINS, 1993).

A analogia entre o corpo humano e as máquinas, desenvolvida por Descartes, influenciou, já no século XX, a construção da própria Educação Física. Visto como objeto de leis naturais, o corpo passou a ser compreendido como algo que deve ser trabalhado, na escola e também em outros espaços sociais, por meio de uma “ginástica científica”, que contribuiria para formar e moldar comportamentos socialmente valorizados pelos grupos e classes dominantes. Em outras palavras, podemos dizer que o corpo humano, nesse contexto, passou a ser objeto de uma série de procedimentos, arranjos e dispositivos, por parte da Educação Física, que visavam docilizá-lo, tornando-o economicamente útil e politicamente obediente, para fazer uso das palavras de Michel Foucault (2013).

Considerando esse processo de docilização, nos anos 1980 e 1990, quando se consolidava o processo de (re)democratização do Brasil, alguns autores e autoras, influenciados pela conjuntura política e social do país, começaram a questionar a biologização da Educação Física e passaram a alegar que ela funcionava como um aparelho da ditadura civil-militar, ao mesmo tempo em que era útil ao modo de produção capitalista, uma vez que reforçaria determinados hábitos e valores, como a competição e o desempenho² (LOVISOLO; VENDRUSCOLO; GÓIS JÚNIOR, 2015). Paralelamente, esses e outros autores e autoras começaram a criticar o modo como o corpo era estudado na Educação Física. Seguindo uma perspectiva biomecânica, o corpo era tido como algo bruto, natural e sem técnica, ou seja, o que interessava era sua dimensão muscular ou celular. Ao mesmo tempo, valorizavam-se a técnica para um melhor desempenho e produtividade, o disciplinamento e o regramento do gesto. Nesse contexto, pesquisadores como Jocimar Daolio (2013) trouxeram a Antropologia para o campo de estudos da Educação Física e enfatizaram a dimensão cultural do corpo.

A concepção sociocultural de corpo: as contribuições de Clifford Geertz, Marcel Mauss e Pierre Bourdieu

A obra de Geertz (2019) foi particularmente importante para o desenvolvimento de uma concepção sociocultural do corpo. Afinal, ao assumir uma concepção semiótica de cultura – fortemente baseada em Max Weber, autor que entende que “o homem é um animal amarrado a

² É preciso esclarecer aqui que essas críticas não necessariamente apareciam juntas. Em alguns casos, criticava-se a biologização da EF sem considerar que a mesma funcionava como um aparelho da ditadura civil-militar.

teias de significado que ele mesmo teceu” –, tal obra contrapõe-se à perspectiva iluminista de natureza humana e a da Antropologia clássica. A primeira pressupõe uma natureza perfeitamente invariante, com leis imutáveis, que podem ser obscurecidas pela moda local. Nesse sentido, a enorme variedade de crenças, valores e costumes não apenas seria insignificante para definir o que, de fato, vem a ser humano como poderia, inclusive, vir a distorcê-lo. Já a segunda pode ser caracterizada como uma concepção estratigráfica, uma vez que entende que o ser humano é hierarquicamente estratificado em quatro camadas – o orgânico, o psicológico, o social e o cultural –, que manteriam uma relação de superposição. Grosso modo, essa concepção pretende descobrir os universais humanos “descascando” o indivíduo. Assim, a missão da Antropologia seria encontrar os universais culturais para, então, tentar mostrar que eles são modelados pelas invariantes sociais, psicológicas e orgânicas, examinadas por outras disciplinas. Em comum, a perspectiva iluminista e a estratigráfica mantêm a imagem do ser humano como um arquétipo (que é uma ideia platônica) em relação à qual as pessoas concretas não passariam de reflexos, distorções e aproximações.

Diante disso, Geertz (2019) propõe uma concepção sintética de ser humano, que trata seus fatores biológicos, psicológicos, sociológicos e culturais como variáveis dentro de um sistema unitário de análise. Neste ponto, sua discussão sobre a evolução do ser humano e o surgimento da cultura é reveladora. De acordo com ele, enganamo-nos quando acreditamos que, primeiro, o ser humano evoluiu biologicamente para, então, somente quando pronto e acabado, desenvolver a cultura. Na verdade, de acordo com ele, já havia formas elementares de cultura entre os Austrolopitéceos, ou seja, antes do surgimento do *Homo sapiens*. Assim, à medida que a cultura ia lentamente se desenvolvendo, os indivíduos mais capazes de levar vantagem – o caçador mais capaz, por exemplo – iam sendo selecionados pela natureza, até o momento em que o *Australopiteco*, de cérebro pequeno, tornou-se o *Homo sapiens*, de cérebro grande. Nesse sentido, ainda que inconscientemente, o ser humano teria determinado os estágios culminantes de seu próprio destino biológico.

Grosso modo, isso sugere que não existe natureza humana independente da cultura. É na cultura e por meio dela que nos fazemos humanos. A cultura, portanto, não pode ser vista como simples expressão da nossa existência biológica, social e psicológica. Afinal, se é certo dizer, como aponta Geertz (2019), que sem o ser humano não haveria cultura, também parece correto afirmar que, sem a cultura, não haveria ser humano. Em outras palavras, somos animais incompletos que só nos completamos por meio da cultura. Mas não por meio de uma cultura abstrata, mas uma concreta, altamente particular. Seguindo essa linha de pensamento, Daolio

(2013) entende o corpo como uma construção cultural, ou seja, que os valores, normas e costumes sociais se inscrevem nele. Mais exatamente, que, por meio do corpo, assimilamos e nos apropriamos dos elementos de nossa cultura. Com efeito, o autor propõe que analisemos como isso ocorre dentro da Educação Física e do Esporte em geral.

Para tanto, recorre à obra de Mauss (2017) e, mais exatamente, à sua noção de “técnicas corporais”. Basicamente, o antropólogo francês, sobrinho de Émile Durkheim, define tais técnicas como os modos como as pessoas de determinada sociedade sabem, de uma forma tradicional, servir-se de seu corpo. Assim, para ele, os movimentos motores são transmitidos de geração para geração e estão impregnados de significados. Nesse sentido, cada pequeno gesto nosso traduziria os elementos de uma dada cultura ou sociedade. Assim, o modo como corremos, por exemplo, não deve ser tomado como o produto de um movimento instintivo, natural, mas como o resultado de um longo processo de aprendizagem, em que somos incentivados, entre outras coisas, a não permanecer com os punhos colados ao corpo.

De acordo com Mauss (2017), as técnicas do corpo dividem-se e variam por sexo e idade. Isso significa que as diferenças entre homens e mulheres e crianças e adultos não podem ser, de modo algum, reduzidas, unicamente, à fisiologia. Por exemplo, como nos lembra Daolio (2013), desde criança, os homens na sociedade brasileira são incentivados a jogar futebol e as mulheres, desestimuladas. Com efeito, possíveis diferenças técnicas entre o futebol praticado por homens e o praticado por mulheres não podem ser explicadas sem considerarmos esse dado cultural. Sem considerarmos, mais exatamente, que a transmissão das técnicas necessárias para a construção de um corpo futebolisticamente hábil ocorre diferentemente entre os sexos.

Além do conceito de “técnicas corporais”, o conceito de *habitus*, desenvolvido por Bourdieu (2007), parece particularmente relevante para compreendermos a construção cultural do corpo e, em particular, no âmbito esportivo. Por exemplo, no seu extraordinário estudo sobre o boxe, intitulado “Alma e Corpo”, Loïc Wacquant (2002) emprega-o para examinar o processo de aprendizagem do boxe. Segundo o autor, essa aprendizagem exige uma gestão quase racional do corpo e do tempo, que é extremamente complexa. Todavia, essa aprendizagem não se dá, conforme observa, por meio de uma teoria; e, sim, de modo prático. Mais exatamente, por meio de um *habitus* pugilístico, que começaria a ser inculcado, muitas vezes, desde a tenra infância.

De acordo com Patrice Bonnewitz (2005), Bourdieu desenvolve o conceito de *habitus* para se contrapor a duas teorias da socialização por ele vistas como problemáticas: o individualismo metodológico, que explica a ação individual em termos de estratégias racionais (custo/benefício), e a abordagem holística, que coloca as pessoas como simples receptáculos de

normas e valores impostos de fora. Para tanto, segue Bonnewitz, o sociólogo francês define *habitus* como um sistema de disposições (inclinações para fazer, sentir, pensar etc.) duradouras (mas não imutáveis) que é adquirido pelas pessoas durante sua socialização³. Nesse sentido, o *habitus* produziria uma interiorização da exterioridade. No entanto, segundo Bourdieu (2007), o *habitus* também produz uma exteriorização da interioridade. Afinal, condicionaria nossos comportamentos e atitudes. Mais exatamente, funcionaria como princípios geradores e organizadores de práticas e representações que poderiam ser objetivamente adaptados ao seu fim sem que a pessoa tivesse de recorrer ao cálculo consciente. Em última instância, o *habitus* permitir-nos-ia a agir, no nosso cotidiano, sem que tenhamos de nos lembrar das regras necessárias para o desenvolvimento da ação. Na metáfora do autor, é uma espécie de maestro invisível que rege nossas práticas sociais.

Por essa razão, pessoas com um *habitus* similar, provenientes da mesma classe social, não precisariam entrar em acordo para agir da mesma maneira. Elas simplesmente estariam afinadas entre si. Mais exatamente, acreditando obedecer a seus “gostos pessoais”, concordariam, sem saber, com milhares de outros que pensam, sentem e escolhem como eles. A escolha de um esporte não seria, nesse sentido, o resultado de uma ação espontânea, nem seria o resultado de um movimento inato do corpo, mas de um gosto assimilado e incorporado ao longo de uma trajetória de vida que ocorre, necessariamente, dentro de uma classe social. Em outras palavras, o gosto esportivo, como qualquer gosto, seria estruturado pelo *habitus* de classe, que constituiria o princípio gerador e unificador dos estilos de vida. Por conseguinte, seria coextensivo ou se superporia a outros gostos, como o político ou gastronômico, por exemplo. Afinal, diferentemente do que sustentam alguns autores pós-modernos, Bourdieu (2007) entende que o sujeito não é descentrado, plural, fragmentado.

Ao relacionar gosto esportivo e *habitus* de classe, Bourdieu (2007) deixa claro que a opção por determinada prática esportiva só pode ser compreendida a partir da relação que cada classe social tem com o corpo, isto é, só pode ser compreendida à luz das funções e significados que o corpo possui para cada uma delas. Mas quais seriam essas funções e significados? Grosso modo, para o autor, as classes privilegiadas tendem a tratar o corpo como um fim em si mesmo e as classes trabalhadoras, como um instrumento. Essa relação instrumental com o corpo faria com que essas classes tomassem o corpo como objeto ou desafio, manifestando-se na escolha de esportes que requerem grande investimento de esforço, fadiga, sofrimento e, até mesmo, que coloquem em jogo o próprio corpo, como é o caso das modalidades de combate (VIGARELLO,

³ Especialmente na primária, na qual a organização familiar possui um papel preponderante.

2005). Como vemos no tópico subsequente, é essa concepção de corpo que orienta as práticas dos torcedores organizados.

A cultura do *aguante*: as práticas corporais dos torcedores organizados

No Brasil, as primeiras torcidas organizadas de futebol foram fundadas na década de 1940. Estas, todavia, diferiam, em diversos aspectos, das atuais, que começaram a surgir na segunda metade da década de 1960, reivindicando autonomia face aos dirigentes de clubes e estabelecendo novas formas de torcer (TEIXEIRA, 2003). Embora existam algumas diferenças entre as organizadas atuais, podemos afirmar que, de modo geral, seus integrantes são orientados por um princípio de “masculinidade agressiva”, que diz que, para ser “homem de verdade”, é preciso resistir à dor e às adversidades. *Hay que tener aguante*, como dizem os torcedores argentinos. A fim de demonstrar capacidade de resistência, os integrantes dessas torcidas podem se envolver em uma série de práticas, tais como: realizar longas caravanas para acompanhar o clube, ingerir grandes quantidades de bebida alcoólica e participar de embates corporais contra as torcidas adversárias e contra a polícia. De acordo com José Garriga Zucal (2010), esses embates costumam produzir um vasto conjunto de memórias e narrativas, que relatam os “feitos” dos torcedores. No entanto, essas narrativas, segue o autor, são insuficientes para provar tais feitos. Por essa razão, as cicatrizes são tão valorizadas nesses contextos. Neles, um corpo marcado é um corpo valorizado. Notemos, portanto, a importância da cultura do *aguante* na construção do corpo do torcedor e como ela ressignifica um símbolo estigmatizador e depreciado. Tanto que, com frequência, as pessoas buscam esconder e, até mesmo, remover cicatrizes por meio de cirurgias plásticas. No caso dos integrantes das organizadas, não! Ao contrário, eles buscam exibi-las. Revelá-las para o mundo.

Nos embates corporais, os torcedores organizados utilizam, como diria Glória Diógenes (2003), seus corpos como “armas”. Todavia, arriscaria a dizer que, na maior parte das vezes, eles o fazem como uma “arma branca”, para empregar a metáfora cunhada pela autora. Afinal, conforme Gustavo Coelho (2016), ainda que o ódio e a vontade de extermínio possam estar presente em algumas situações de embates, eles não podem ser tomados como o principal elemento explicativo dos confrontos entre as torcidas organizadas. Prova disso é que o uso de revólver e o espancamento de rivais caídos no chão tendem a ser avaliados como atos de covardia, ou seja, como práticas ilegítimas. Em alguns momentos, todavia, essas “regras morais” não são seguidas e o corpo desses torcedores opera, para seguir com as metáforas de Diógenes (2003), como um “corpo-explosivo”, que busca eliminar para sempre o rival, e não

apenas machucá-lo. De todo modo, o que nos interessa aqui é que a transformação do corpo em uma “arma” demanda vários conhecimentos práticos, que são adquiridos e incorporados em diversos espaços de socialização, como as caravanas, as quadras das torcidas e as aulas de *jiu-jitsu*. São nesses espaços onde os torcedores aprendem a controlar suas emoções e o próprio corpo, disciplinando suas condutas, a fim de fazer do corpo um “aparelho” mais eficiente.

Outro aspecto corporal ressignificado pela cultura do *aguante* é a gordura. Com frequência, esta é associada à feiura, tanto que muitas pessoas investem em “dietas milagrosas”, apesar de seus efeitos colaterais. No contexto das organizadas, todavia, um corpo grande, robusto, roliço, é fortemente valorizado, pois (supostamente) revela capacidade de aguentar o excesso (de comida, bebida e “porrada”). No futebol argentino, existe até uma tradição de retirar os torcedores miúdos do alambrado, a fim de que a torcida não seja vista como frágil pela adversária (ZUCAL, 2010). Além de gordos para os padrões estéticos hegemônicos, vários torcedores organizados possuem a famosa “orelha couve-flor”, típica de lutadores de jiu-jitsu e de MMA. Afinal, tal orelha (supostamente) revela pertencimento ao universo das artes marciais e, principalmente, que seu detentor é “casca-grossa”. Essas orelhas são facilmente observáveis, pois muitos dos torcedores possuem a cabeça raspada, uma vez que, dentro do universo das organizadas, cabelos-compridos são malvistas, assim como o uso de brincos – que são, inclusive, proibidos em algumas associações. Afinal, são habitualmente percebidos como “coisa de veado”. E ser percebido como “veado” dentro do referido universo constitui uma grave ofensa, dados os sentimentos e atitudes negativas de grande parte de seus membros em relação aos homossexuais.

A cultura do *aguante* não apenas molda o corpo dos torcedores, mas o seu próprio movimento corporal. Gestos vistos como frágeis não são bem aceitos. Um “torcedor de verdade” deve andar de forma “firme”, “ereta”, “viril”. Deve lutar com a “cabeça erguida”, com o “peito aberto” e “jamais correr”. Perder uma briga pode até ser aceito, mas se “acovardar” diante do adversário, nunca (ZUCAL, 2010). Esses gestos e movimentos corporais são o produto de uma socialização que se dá em diversos lugares, mas, especialmente, dentro do ambiente das torcidas. Uma socialização que permite a (in)corporação da cultura do *aguante*. Que permite convertê-la em “carne”. Em *habitus*, para empregar o termo de Bourdieu (2007). Ou, mais exatamente, em um *habitus* viril. *Habitus* este que, no contexto particular das organizadas que também são escolas de samba – como são os casos das paulistanas Gaviões da Fiel, Mancha Alviverde, Dragões da Real e Torcida Tricolor Independente – choca-se com o *habitus* festivo de alguns de seus frequentadores. Afinal, com a integração dessas torcidas no

cenário carnavalesco da cidade de São Paulo, pessoas que não pertencem ao “mundo das torcidas”, com outros tipos de *habitus*, passaram a frequentá-las (principalmente os ensaios) – causando, em alguns momentos, “choque cultural” e provocando certa tensão. Tanto é que já houve casos em que alguns homens homossexuais, por supostamente dançarem com trejeitos considerados “afeminados”, foram “convidados” a se retirar da quadra ou impedidos de desfilar, mesmo pagando caro por suas fantasias. (BUENO, 2005).

Considerações finais

Neste trabalho, objetivei retratar, ainda que de forma muito breve e seletiva, alguns contornos históricos e filosóficos da perspectiva sociocultural de corpo, com a intenção de mostrar sua relevância para a compreensão das práticas relativas ao universo esportivo, dando especial atenção aos torcedores organizados. Ao fazer isso, indiquei, primeiramente, como o dualismo psicofísico platônico influenciou (e segue influenciando) a forma como se concebe o corpo humano, inclusive dentro do campo da Educação Física. Em seguida, discuti as vantagens de adotarmos outra visão de corpo, que considere sua dimensão sociocultural, e apontei para as contribuições de Bourdieu, Geertz e Mauss para o desenvolvimento dessa concepção. Por fim, busquei mostrar como o corpo e os movimentos corporais dos torcedores organizados são moldados por uma cultura particular: a do *aguante*. Em estudos futuros, pretendo aprofundar-me nas contribuições de outros autores e perspectivas para a construção da perspectiva sociocultural de corpo. Parece-me particularmente importante aqui aqueles referenciais – como o construcionismo, por exemplo – que nos permitem avançar na discussão sobre as relações entre linguagem e corpo, devido à centralidade que o primeiro conceito ocupa hoje em dia nas Ciências Humanas e Sociais.

Referências bibliográficas

- ABRÃO, Bernardette Siqueira. **História da Filosofia**. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à Filosofia. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1993.
- BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.
- BUENO, Arthur. Uma torcida que samba: o Grêmio Recreativo Gaviões da Fiel. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; NEGREIROS, Plínio Labriola. **Os Gaviões da**

- Fiel:** ensaio e etnografia de uma torcida organizada de futebol. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015, p. 219-254.
- CAMPOS, Priscila Augusto Ferreira; MELO, Marcos Abreu; ABRAHAO, Bruno Otávio de Lacerda; SILVA, Sílvia Ricardo. As determinações do Estatuto de Defesa do Torcedor sobre a questão da violência: a segurança do torcedor de futebol na apreciação do espetáculo esportivo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 30, 2008, p. 9-24.
- COELHO, Gustavo. **Deixa os garotos brincar**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.
- DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. 17 ed. Campinas: Papyrus, 2013.
- DIÓGENES, Glória. **Itinerários de corpos juvenis: o tatame, o jogo e o baile**. São Paulo: Annablume, 2003.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 2103.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2019.
- LAPLANTINE, François. **Aprender a antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- LOVISOLO, Hugo Rodolfo; VENDRUSCOLO, Rosecler; GÓIS JUNIOR, Edivaldo. Recorte dos estudos socioculturais no campo da educação física. In: STIGGER, Marco Paulo (Org.). **Educação Física + Humanas**. Autores Associados: Campinas, 2015, p. 181-202.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: UBU, 2017.
- MURAD, Mauricio. Práticas de Violência e Mortes de Torcedores no Futebol Brasileiro. **Revista USP**, v. 99, 2013, p. 139-153.
- _____. **A violência no futebol: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas**. 2 ed. São Paulo: Benvirá, 2017.
- PLATÃO. Diálogos: O banquete - fédon - sofista – político. In: **Coleção os pensadores**. São Paulo: Abril, 1972.
- REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e violência**. Campinas: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.
- REIS, Heloisa Helena Baldy dos; LOPES, Felipe Tavares Paes; MARTINS, Mariana Zuaneti. As explicações de Eric Dunning sobre o hooliganismo à luz do contexto brasileiro: uma reflexão crítica. **Revista Movimento**, v. 21, 2015, p. 617-632.
- REIS, Heloisa Helena Baldy dos; LOPES, Felipe Tavares Paes; MARTINS, Mariana Zuaneti; SPAAIJ, Ramon. Pain and suffering in football: analysis of football-related fatalities in Brazil **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 33, 2019, p. 277-292.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos; MARTINS, Mariana Zuaneti; SPAAIJ, Ramon; LOPES, Felipe Tavares Paes. Drinking dangerously? Young football fans, alcohol and masculinity in Brazil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 32, 2018, p. 277-288.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo: Annablume, 2003.

VIGARELLO, Georges. Sistemas de esportes; esportes concorrentes. In: ENCREVÉ, Pierre; LAGRAVE, Rose-Marie (Coord.). **Trabalhar com Bourdieu**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 185-196.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

ZUCAL, José Garriga. **Nosotros nos peleamos: violência e identidad de una hinchada de fútbol**. Buenos Aires: Prometeu, 2010.